

O USO DOS PRONOMES *NÓS* E *A GENTE* NO PORTUGUÊS FALADO EM MACAPÁ-AP

Déborah Karen Queroz da SILVA (UEAP)¹
Romário Duarte SANCHES (UEAP)²

Resumo: Este trabalho investiga o uso da alternância pronominal de primeira pessoa do plural (*nós* e *a gente*) em dados orais de falantes da capital do Amapá, Macapá. A pesquisa está ancorada em estudos sociolinguísticos na perspectiva laboviana, isto é, considerando a heterogeneidade das línguas naturais. Para Labov (2008), a Sociolinguística estuda a relação entre língua e sociedade levando em conta os condicionadores sociais (aqueles para além da estrutura linguística) e linguísticos (aqueles que fazem parte da estrutura interna da língua). Desse modo, associado à Teoria da Variação, este estudo possui como referencial bibliográfico outros trabalhos que analisam a variação pronominal de *nós* e *a gente* no Português Brasileiro (cf. SILVA; CAMACHO, 2017; OLIVEIRA, SILVA, 2021; SOUZA, BOTASSINI, 2019; SCHERRE, YACOVENCO, NARO, 2018; CARVALHO, FREITAS, FAVACHO, 2020). Com base na metodologia da Sociolinguística Quantitativa foram selecionadas 16 narrativas orais do *Projeto Variedades linguísticas faladas no Amapá*, considerando as seguintes células sociais: 8 informantes do sexo masculino, sendo 4 de 18-30 anos e 4 acima de 50 anos; mais 8 do sexo feminino, sendo 4 de 18-30 anos e 4 acima de 50 anos). As amostras foram coletadas através de um aparelho celular Samsung Galaxy A12 e as entrevistas tinham como temática registrar histórias de vida dos entrevistados. A alternância dos pronomes *nós* e *a gente* foi analisada de acordo com os fatores linguísticos: sujeito explícito, concordância verbal e tempo verbal. Conforme os dados analisados através do emprego do programa estatístico GOLDVARB X, encontramos 538 ocorrências das formas pronominais de 1ª pessoa do plural, com 449 (83,5%) para o uso da forma *a gente* e 89 (16,5%) para a forma *nós*. O fator linguístico em destaque foi a marcação de concordância verbal com o pronome *a gente* que ocorreu em 446 amostras (88,8%), já em incidência menor, o pronome *nós* ocorreu em 56 amostras (11,2%). Ao analisarmos o condicionador social sexo foi atestado que os homens expressaram com mais ênfase o pronome *nós* do que as mulheres, 66 ocorrências (25,6%) na fala de informantes do gênero masculino e somente 23 (8,2%) ocorrências faladas por informantes do gênero feminino. No que diz respeito ao fator geracional, ambas as gerações demonstram preferência pela expressão pronominal *a gente* com 307 amostras (89%) enunciadas pela faixa etária 1; e 142 (73,6%) pela faixa etária 2.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação morfossintática; *Nós* e *a gente*; Macapá.

Abstract: This work investigates the use of the first person plural pronominal alternation (*nós* and *a gente*) in oral data of speakers from the capital of Amapá, Macapá. The research is anchored in sociolinguistic studies in the Labovian perspective, that is, considering the heterogeneity of natural languages. For Labov (2008), Sociolinguistics studies the relationship between language and society, taking into account social (those beyond the linguistic structure) and linguistic (those that are part of the internal structure of the language) conditioners. Thus, associated with the Theory of Variation, this study has as a bibliographic reference other works that analyze the pronominal variation of *nós* and *a gente* in Brazilian Portuguese (cf. SILVA; CAMACHO, 2017; OLIVEIRA, SILVA, 2021; SOUZA, BOTASSINI, 2019; SCHERRE, YACOVENCO, NARO, 2018; CARVALHO, FREITAS, FAVACHO, 2020). Based on the methodology of Quantitative

¹ Graduanda em Licenciatura em Letras Português, Universidade do Estado do Amapá, Macapá, Amapá. E-mail: deborahquerozueap@gmail.com. Bolsista de Iniciação Científica – PROBICT/UEAP.

² Doutor em Letras (Linguística), Universidade do Estado do Amapá, Macapá, Amapá. E-mail: romario.sanches@ueap.edu.br

Sociolinguistics, 16 oral narratives from the *Projeto Variedades linguísticas faladas no Amapá* were selected, considering the following social cells: 8 male informants, 4 aged 18-30 years and 4 over 50 years; plus 8 females, 4 aged 18-30 and 4 over 50). Samples were collected using a Samsung Galaxy A12 cell phone and interviews were conducted as a thematic recorder of the guests' life stories. The alternation of pronouns *nós* and *a gente* was observed according to the linguistic factors: explicit subject, verb agreement and verb tense. According to the data analyzed through the use of the GOLDVARB X statistical program, we found 538 occurrences of the 1st person plural pronominal forms, with 449 (83.5%) for the use of the form *a gente* and 89 (16.5%) for the form *nós*. The highlighted linguistic factor was the marking of verbal agreement with the pronoun *a gente* that occurred in 446 samples (88.8%), already in lower incidence, the pronoun *nós* we occurred in 56 samples (11.2%). When analyzing the social gender conditioner, it was attested that men express the pronoun *nós* with more pressure than women, 66 occurrences (25.6%) in the speech of male informants and only 23 (8.2%) occurrences spoken by female informants. With regard to the generational factor, both generations showed a preference for the pronominal expression *a gente* with 307 samples (89%) enunciated by age group 1; and 142 (73.6%) for age group 2.

Keywords: Sociolinguistics; Morphosyntactic variation; *Nós* and *a gente*; Macapá.

Introdução

As gramáticas tradicionais de cunho prescritivo não incluem como pronome pessoal do caso reto de primeira pessoa do plural (1PP) o *a gente* somente o pronome *nós* é destacado como representante da primeira pessoa do plural. É possível verificar essa situação na *Minigramática da Língua Portuguesa*, de Duarte (2009), e na *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*, de Bechara (2019). Essas duas gramáticas expõem como pessoa do discurso e pronomes pessoais do caso reto os pronomes: eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas. De acordo com Duarte (2009), é conceituado como pronome a palavra que irá substituir ou indicar um substantivo que relacionado com as pessoas do discurso irá denominar tanto coisas, quanto pessoas passíveis de nomeação. Neste sentido, a autora conceitua em seguida que a função dos pronomes pessoais é substituir as pessoas do discurso e que eles podem ser do caso reto, oblíquo ou de tratamento e, por fim, apresenta o tradicional quadro dos pronomes pessoais sem fazer nenhuma menção ao uso do *a gente* como pronome ou forma pronominalizada.

Bechara (2019) também não inclui o uso do *a gente* em seu quadro de pronomes pessoais, porém apresenta conceitos mais amplos do que os vistos na gramática anterior. Conforme Bechara (2019), o pronome é uma classe de palavras categórica que vai constituir elementos restritos e irá ter como referência o significado lexical levando em consideração a situação e o contexto, tal referência leva em consideração a pessoa do discurso. E, posteriormente, o autor explica o que é a pessoa do discurso. Para ele, os pronomes pessoais irão caracterizar as duas pessoas do discurso (1ª pessoa, 2ª pessoa), também a não pessoa (3ª pessoa), ainda nesse contexto, explica que o pronome pessoal *nós* irá designar o “eu” mais pessoas distintas do discurso, ou seja, o “eu” e o “não eu”.

Assim, tanto a gramática de Duarte (2009) quanto a de Bechara (2019) possuem conceitos instrutivos, explicativos e o que irá diferenciá-las é o fato de comentarem ou não sobre o uso de *a gente* como pronome usado pelos falantes de língua portuguesa. Neste caso, somente Bechara (2019) aponta uma observação sobre a forma *a gente* como função pronominal. Para o autor, o substantivo *gente* em posição posterior ao artigo *a* refere a um conjunto de pessoas no qual o falante se inclui ou que está sozinho - é utilizado como pronome e utilizado fora da linguagem formal, nesses casos, o autor afirma que o

verbo é empregado na terceira pessoa do singular. Ao observar tal conceituação é interessante atentar que Bechara (2019) admite a existência dessa forma pronominal, porém, coloca-a em um lugar de informalidade, como se seu uso devesse ou fosse utilizado somente fora de ambientes formais, além disso, ele afirma que nesses casos o verbo é empregado na terceira pessoa do singular, contudo nem sempre esse uso ocorre de tal maneira no cotidiano dos falantes de língua portuguesa.

Em uma perspectiva descritiva, de acordo com Lopes (2004), a forma pronominal *a gente* passou por um processo de gramaticalização, isto é, assumiu novos valores/ usos e permaneceu com algumas de suas características lexicais. Assim, nesse processo o substantivo *gente*, que significava apenas uma quantidade de pessoas indeterminadas, passou a ser utilizado com o artigo *a* e assumiu função de pronome, porém mantendo alguns de seus traços nominais e produzindo alterações morfossintáticas. Desse modo, Lopes (2019) argumenta que deveria existir um novo quadro pronominal referente aos pronomes pessoais, não somente a troca do quadro tradicional, mais um novo quadro que incluía as vigentes formas pronominalizadas como as formas *a gente* e *você(s)*, e as alterações que essas representações provocam no eixo paradigmático de segunda e terceira pessoa do singular, suas consequências em relação às formas de manifestar os pronomes possessivos e complementares, além das alterações existentes na conjugação verbal. Nesse sentido, estudos de cunho descritivo apresentam uma proposta mais ampla sobre esse problemática ao investigarem como está sendo utilizado as formas pronominais no falar brasileiro, assim, através deles é possível delinear que esses usos vão além das formas conservadoras determinadas pela gramática prescritiva, como por exemplo, o uso do pronome “vós” ainda é preceituado pelas gramáticas tradicionais, mas seu uso não ocorre com frequência no falar brasileiro, isto é, sua utilização está presente predominantemente na língua escrita e em contextos específicos. Em contrapartida, formas pronominais presentes no falar brasileiro não estão incluídas no quadro pronominal gramatical, o que gera as problemáticas expostas anteriormente. Desse modo, a variação pronominal existente entre as formas de primeira pessoa do plural (*nós* e *a gente*) vem sendo objeto de estudo nas últimas décadas no Brasil. Alguns deles foram realizados pelos seguintes autores: Souza, Botassini (2009), Silva, Camacho (2017), Scherre, Yacovenco, Naro (2018) e Carvalho, Freitas, Favacho (2021).

É necessário destacar que a forma *a gente*, como maneira de representação pronominal, foi desencadeada a partir de um processo de mudança linguística, isto é, implantado no falar brasileiro nos séculos XIX e XX, segundo Lopes (2004). Ou seja, apesar de sua implementação ter ocorrido há mais de um século, ainda é a forma inovadora de representação de primeira pessoa do plural, mesmo que a forma *nós* seja a única maneira reconhecida pela gramática normativa como pronome de primeira pessoa do plural. Diante disso, o objetivo desta pesquisa é investigar como as formas *nós* e *a gente* estão sendo utilizadas no falar macapaense, no estado do Amapá. Este estudo possui como base teórico-metodológica a Sociolinguística Quantitativa (2008) que estuda a variação e mudança linguística por meio da relação de fatores sociais com fatores linguísticos. Trata-se de uma pesquisa inédita, tendo em vista que não há estudos voltados a essa temática sobre o português falado em Macapá-AP. Por fim, este artigo está dividido em cinco partes: i) introdução; ii) referencial teórico, apresentando o campo da Sociolinguística Quantitativa e estudos sobre o uso das formas pronominais de 1PP faladas no Brasil; iii) metodologia da pesquisa, isto é, os procedimentos metodológicos adotados para o estudo; iv) apresentação dos resultados; e v) considerações finais.

Sociolinguística laboviana

Este estudo utiliza como aparato teórico-metodológico a Sociolinguística laboviana que contrapõe, em certa medida, a corrente estruturalista e gerativista. No século XX, Ferdinand de Saussure (1916) fixa a Linguística como ciência independente e propõe a língua como objeto de estudo. Conforme a vertente estruturalista, é de seu interesse de estudo os aspectos internos da língua, seus elementos estruturalmente independentes e as relações puramente linguísticas. Apesar de não ter interesse em estudar fatores exteriores à língua, Saussure afirma que a língua é um fato social que surge através do uso coletivo, ou seja, o linguista estabelece uma relação entre a língua e sociedade apesar de essa relação não ser seu objetivo de estudo, pois o que interessava ao autor era apenas o estudo imanente da língua.

Outra corrente linguística que estuda os componentes responsáveis pelo funcionamento de uma língua, atrelados a fatores cognitivos, é a gerativista, a qual surgiu nos anos de 1950 e tem como principal mentor Noam Chomsky (1957). Para essa teoria, o que importa são as estruturas sistemáticas que formam as sentenças gramaticais as quais estão presentes em todas as línguas e na mente humana. Ou seja, conforme Chomsky, a língua é um sistema de princípios universais, uma capacidade inata dos seres humanos. Os princípios dessa gramática gerativa estão relacionados à competência linguística (saber cognitivo que todos os seres humanos possuem) e ao desempenho linguístico (o uso da língua no cotidiano). Dessa forma, pode-se observar que ambas as teorias, que estavam em progresso no século XX, não consideravam como fator de interesse para seus estudos a relação entre língua e sociedade. É nesse contexto que floresce a Sociolinguística. De acordo com Coelho (2010), essa ciência tem sua ascensão na década de 1960 ao confrontar os estudos de Saussure e Chomsky através de métodos quantitativos e traz uma nova visão para a área da linguística ao incluir as influências das relações sociais na evolução das línguas.

William Labov é considerado o pai da Sociolinguística, com a publicação do livro *Padrões Sociolinguísticos* (1972), no qual expõe a teoria Sociolinguística Variacionista ao demonstrar como analisar dados de fala através dos métodos quantitativos. Conforme Labov (2008), o termo sociolinguística é redundante porque não há como existir uma teoria linguística bem-sucedida que não leve em consideração o meio social. Dessa maneira, pode-se concluir que para a Sociolinguística quantitativa os elementos língua e sociedade são componentes indissociáveis.

Segundo Labov (2008), as mudanças linguísticas devem ser o objetivo de análise de qualquer linguista, entretanto o processo de regularização e propagação não deve ser analisado apenas através dos aspectos estruturais, pois nenhuma mudança ocorre em um vazio social, mas sim, em um determinado lugar e tempo os quais necessitam de uma explicação. A partir disso, percebe-se que a Sociolinguística objetiva vincular os aspectos estruturais das línguas aos aspectos exteriores a ela, ou seja, a Sociolinguística apropriou-se de tudo aquilo que Saussure e Chomsky não consideravam como importante para o estudo da língua e busca explicar o que motiva a evolução e variação linguística. Depois disso, fala um pouco sobre os programas utilizados pela sociolinguística quantitativa.

Concordamos com Tarallo (1985) quando afirma que a Sociolinguística objetiva estudar o fato linguístico, pois nele há informações a serem contestadas, recusadas, comprovadas. É no fato linguístico que está o motivo de novas pressuposições sobre a língua. Segundo o autor, o material de estudo da Sociolinguística é o vernáculo, ou seja, a língua em uso, sem monitoramento, que ocorre através do encadeamento de ideias e com expressividade. Portanto, é esse material que o sociolinguista irá coletar, pesquisar, examinar e sistematizar. Dessa maneira, na perspectiva Laboviana, há alguns conceitos

que norteiam tal abordagem como: *variedade*, *variante*, *variável*, *condicionadores linguísticos* e *condicionadores sociais*.

Segundo Tarallo (1985), a *variedade* diz respeito ao modo de fala que as comunidades linguísticas possuem, isto é, seu dialeto; as *variantes* são maneiras distintas de representar um mesmo significado; a *variável* é o local gramatical onde ocorre as variantes. Os *condicionadores linguísticos* e *sociais* são os aspectos que irão provocar o uso ou não de uma variante. Os *condicionadores linguísticos* referem-se aos aspectos intralinguísticos (posição do sujeito, tempo verbal, modo verbal etc.). E os *condicionadores extralinguísticos* são aqueles fatores externos à língua (faixa etária, sexo, profissão, região, localidade, grupo socioeconômico, grau de escolaridade etc.).

A análise sociolinguística, portanto, ocorre através da coleta do uso linguístico e da sistematização desse vernáculo através da averiguação do que irá influenciá-lo: se fatores linguísticos e sociais, se um ou outro, ou se nenhum. Nesse sentido, tal ciência irá descrever o que ocorre com o uso da língua em sua comunidade de fala.

Estudos sobre o uso dos pronomes *nós* e *a gente* no português brasileiro

Em relação às pesquisas sobre a variação pronominal entre *nós* e *a gente*, podemos citar os estudos de Souza, Botassini (2009); Silva e Camacho (2017); Scherre, Yacovenco, Naro (2018); Carvalho, Freitas, Favacho (2020) e Oliveira, Silva (2021).

A pesquisa de Souza, Botassini (2009) analisa a variação dos pronomes *nós* e *a gente* através de amostras de fala do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Esses dados linguísticos contemplam 37 cidades interioranas do estado de São Paulo. O trabalho visa averiguar se os condicionadores extralinguísticos sexo (feminino e masculino) e faixa etária (18-30 e 50- 65 anos) influenciam o uso dos pronomes *nós* e *a gente*. Desse modo, tal estudo controlou como fator linguístico tanto os pronomes em forma explícita quanto os pronomes em forma oculta, assim, mostrou que referente ao sujeito explícito há um uso mais frequente da forma pronominal *a gente* em detrimento do pronome *nós*. Os dados mostram que 72,3% das ocorrências de *nós* e *a gente* foram de pronomes expressos e somente 27,7% foram de pronomes elípticos. Assim, no que concerne aos pronomes em função de sujeito explícito, o uso do *a gente* representou 63,5% dos dados, enquanto o uso do *nós* apenas 36,5%. Em contrapartida, no que concerne aos pronomes elípticos houve maior incidência com a forma *nós* com 56,8%, enquanto a forma pronominal *a gente* registrou 43, 2%. A pesquisa também mostrou o uso frequente da alternância entre as duas formas pronominais de primeira pessoa do plural num mesmo período oracional. Ao examinarem o condicionador extralinguístico sexo, as autoras conseguiram os seguintes resultados: não há diferença para os homens em relação à alternância dos pronomes *nós* e *a gente*, entretanto eles utilizam mais que as mulheres a forma conservadora *nós* (73, 9%) em detrimento da forma inovadora *a gente* (26,1%). Já o uso da forma pronominal *a gente* tende a ser mais utilizada pelas mulheres (58, 2%) do que pelos homens (41,8%).

Em relação ao condicionador extralinguístico faixa etária, a pesquisa mostrou que os falantes utilizaram mais a forma pronominal *a gente*, independentemente da idade. Além disso, as duas formas de primeira pessoa do plural aparecem de forma mais recorrente na fala de pessoas mais velhas. Logo, a faixa etária mais jovem registrou um uso de 64,2% de *a gente* e 35,8% de *nós*. Já a faixa etária de idade mais avançada utilizou 62,9% de *a gente* em detrimento de *nós* com 37,1%. Conforme as autoras, os dados podem indicar uma variação estável.

O estudo de Silva e Camacho (2017) foi realizado na cidade de Rio Branco (Acre). Os autores utilizaram como procedimento metodológico a Sociolinguística Quantitativa,

com uso de 40 gravações da fala adquiridas entre 2011 e 2012. Os autores levaram em consideração os fatores extralinguísticos (sexo, escolaridade e idade), assim como os intralinguísticos (referência do sujeito e tipo de concordância) para investigar a alternância pronominal entre *nós* e *a gente*. Desse modo, conforme Silva, Camacho (2017), há um uso mais expressivo da forma *a gente* no falar rio-branquense com 814 (76,7%) ocorrências e 247 (23,3%) para a forma *nós*. No que se refere ao fator sexo, os dados demonstram que tanto os homens quanto as mulheres utilizaram mais a forma *a gente* do que a forma *nós*, já que 68% do uso de *a gente* foi falado pelo sexo masculino e 82% pelo sexo feminino. No que diz respeito ao fator idade, a pesquisa demonstrou que independentemente da idade houve um uso maior da forma pronominal *a gente*. Sobre o fator linguístico tipo de referência (específica/genérica), a pesquisa expõe que o *a gente* vem sendo utilizado também com maior incidência no tipo de referência específica (693/932). Já sobre o tipo de concordância, os autores verificaram o uso de acordo com a concordância padrão “própria” e a não-padrão “imprópria”, e constataram que a concordância do *a gente* ocorreu com maior frequência na concordância padrão (83,8%), enquanto o *nós* ocorreu predominantemente com a concordância não-padrão (83%).

O trabalho de Scherre, Yacovenco, Naro (2018) analisou a alternância entre *nós* e *a gente* no português falado na Baixada Cuiabana (Mato Grosso) e em Vitória (Espírito Santo), ambos da região Sudeste. Os dados da Baixada Cuiabana apresentaram 774 ocorrências de *nós* e *a gente*, já os dados de Vitória somam 1517 ocorrências de *nós* e *a gente* em contextos variáveis na posição de sujeito. Os autores buscaram verificar os seguintes fatores linguísticos: *nós* com a desinência de plural -mos; *nós* sem desinência de plural -mos, *a gente* sem a desinência de plural -mos; tempo e tipo de paradigma verbal do modo indicativo. Sobre os principais resultados obtidos, a pesquisa mostrou que tanto os dados da cidade de Vitória quanto os da Baixada Cuiabana mostraram a concordância aproximada de *nós* com a primeira pessoa do plural. O uso do *nós* sem concordância com a primeira pessoa do plural apresentou divergências entre as duas localidades (Baixada Cuiabana com 28,7% e Vitória com 3,8%). O uso da expressão *a gente* sem -mos foi de 45,3% na Baixada Cuiabana e 69,7% em Vitória. Assim, segundo Scherre, Yacovenco, Naro (2018), os dados demonstram que a variante estigmatizada, ou seja, a não concordância da primeira pessoa do plural ocorreu com menos regularidade do que as variantes que não são estigmatizadas.

A pesquisa de Carvalho, Freitas, Favacho (2020) investiga a variação pronominal *nós* e *a gente* em posição de sujeito na fala culta de moradores de Fortaleza. O trabalho descreve o processo da variação pronominal juntamente com a concordância verbal. Foram analisadas amostras de fala de Fortaleza coletadas entre 1993 a 1996 pelo Projeto Português Oral Culto de Fortaleza - PORCUFORT. O trabalho utilizou como células linguísticas a concordância verbal padrão e não-padrão, tempo e paradigma verbal no modo indicativo, referência genérica e específica dos pronomes. Já para as células sociais foram considerados os fatores: sexo, faixa etária, e tipo de registro. Com isso, os autores obtiveram os principais resultados: 62% da concordância com o pronome *a gente* ocorreu na terceira pessoa do singular; 37,8% da concordância com o pronome *nós* ocorreu com a primeira pessoa do plural; 0,2% das ocorrências foram de concordância não-padrão; o uso de *a gente* sem -mos ocorreu com maior frequência no tempo presente. Além disso, os verbos no pretérito perfeito também favoreceram o uso do *a gente*. A pesquisa concluiu que há um avanço no uso da forma pronominal *a gente* na fala culta de Fortaleza com um percentual de 62%. Também foi constatado que a forma *a gente* é utilizada preferencialmente com um grau de indeterminação, sendo usada por falantes mais jovens, o que pode incidir em uma possível mudança em curso.

O estudo de Oliveira, Silva (2021) ocorreu na cidade de Belém (Pará). A pesquisa também usa como aparato metodológico a Teoria da Variação. O *corpus* de pesquisa provém de narrativas orais coletadas por meio de 15 entrevistas realizadas com estudantes universitários e trabalhadores do Ver-o-Peso. Nesse estudo, foram considerados os fatores linguísticos: pessoa verbal, tempo verbal, tipo de referência, a realização fonológica da desinência de número e pessoa. No que concerne aos fatores sociais, foram controlados: nível de escolaridade e faixa etária. Os resultados do estudo demonstram que houve um uso maior do pronome *a gente* com 66% de frequência, enquanto a forma *nós* ocorreu 34%. Em relação à pessoa verbal, o estudo mostrou que na fala dos feirantes, no que diz respeito ao uso do *nós*, 20% dos dados ocorreram com formas distintas do padrão com 1PP, com a pessoa verbal manifestando-se sem a desinência -s, enquanto na fala dos universitários 100% das manifestações de pessoa verbal ocorreram na forma padrão de 1PP. Sobre a realização fonológica de desinência de número e pessoa, a desinência padrão da primeira pessoa do plural favoreceu a utilização do *nós*, em contrapartida, o *a gente* foi favorecido pelo morfema padrão de terceira pessoa do singular.

Metodologia da pesquisa

Este trabalho possui como suporte teórico-metodológico a Teoria da Variação e Mudança, de Labov (2008 [1972]). Essa corrente ganhou destaque ao estudar a língua e sua relação com fatores intralinguísticos e extralinguísticos, isto é, como a estrutura linguística pode estar condicionada com o meio social. Assim, esse modelo de estudo possui caráter quantitativo e qualitativo ao apresentar e interpretar dados por meio do viés matemático-estatístico.

Desse modo, a comunidade de fala em estudo é a capital do Amapá, Macapá, a qual, conforme Lima (2020), foi criada através da Lei n.º 281, de 6 de setembro de 1856. Contudo, sua fundação como Vila de Macapá ocorreu em 04 de fevereiro de 1758, através do General Francisco Xavier de Mendonça Furtado, administrador colonial da capitania do Grão-Pará (atual estado do Pará). Somente, em 1943, Macapá tornou-se capital do antigo Território Federal do Amapá, por meio do Decreto-lei Federal n.º 6.550, de 31 de maio de 1944.

Atualmente, de acordo com dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS, 2021), Macapá possui uma população estimada em 522.357 habitantes. O município encontra-se na margem do rio Amazonas, atravessada pela linha imaginária do Equador, localizada na região Norte do Brasil.

No que diz aos aspectos culturais, segundo Campos (2021), Macapá possui manifestações artísticas e expressões culturais que provêm de influências de portugueses, africanos e indígenas. Uma das manifestações religiosas mais expressivas da capital é o Círio de Nazaré, evento religioso católico que ocorre anualmente no mês de outubro em devoção à Nossa Senhora de Nazaré. Outra manifestação existente é o Marabaixo, uma mistura de influências da religião católica junto a aspectos religiosos de matrizes africanas, nessa religião há o Ciclo do Marabaixo, sua principal festividade, que ocorre anualmente em um período determinado em homenagem ao divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade, seu ritual inclui; danças, cantigas, missas, vestimentas e culinária característica para o período do Ciclo.

Em relação aos pontos turísticos da capital, destaca-se aqui a Fortaleza de São José de Macapá, Mercado Central e o Museu Sacaca. De acordo com Morais, Rosário (2009) a construção da Fortaleza de São José de Macapá surge do receio do império português de perder as terras amapaenses para outros invasores territoriais, como os franceses e holandeses. Dessa forma, para proteger as fronteiras o império português

adota uma série de medidas de fortificação sendo uma delas a criação da Fortaleza de São José de Macapá. No ano de 1738, o capitão do Pará, João de Abreu Castelo Branco, já emitia cartas que solicitavam medidas emergenciais para essa situação. A construção da Fortaleza foi iniciada somente no ano de 1764, sua estrutura demorou 18 anos para ser elevada e mesmo assim sua inauguração ainda ocorreu com a obra incompleta no ano de 1782. Assim, esse monumento histórico foi tombado e considerado patrimônio histórico e nacional em 1950 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Outro ponto turístico importante, o mercado central, foi criado no governo de Janary Nunes, na década de 50, mais especificamente no ano de 1953. Conforme Lima (2022), o intuito da primeira grande obra comercial de Macapá foi facilitar a comercialização das produções agrícolas, promover a circulação da economia, assim como a socialização entre vendedores, clientes e visitantes. A reinauguração do prédio ocorreu no ano de 2023, onde ele foi ampliado e revitalizado, porém mantendo seu aspecto colonial. Por fim, de acordo com Diário (2015), o Museu Sacaca foi criado no ano de 1997, localizado no bairro do trem. Surgiu com o intuito de proporcionar o desenvolvimento de procedimentos voltados à preservação da cultura e dos saberes amazônicos por meio de pesquisas.

Sobre o *corpus* desta pesquisa, os dados foram coletados por pesquisadores do projeto *Variiedades Linguísticas faladas no Amapá*, associado ao grupo de pesquisa Linguagem, Língua e Sociedade - LINLIS, do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amapá. Dessa forma, foram consideradas 16 narrativas orais, sendo 8 do sexo masculino e 8 do sexo feminino, agrupadas em dois grupos etários: faixa etária 1 (18 a 30) e faixa etária 2 (40 anos ou mais). Para seleção dos informantes, consideramos preferencialmente falantes macapaenses nativos, entretanto também foram entrevistados aqueles que moram em Macapá desde a infância. Os dados orais foram adquiridos por meio de entrevistas gravadas em áudio por um aparelho celular Samsung Galaxy A12, as gravações possuem entre 8 a 30 minutos e o processo de coleta dos dados levou em consideração a disponibilidade do entrevistado.

Posteriormente a coleta de dados, todas as narrativas orais foram transcritas grafematicamente, em seguida, foram identificados e quantificados em tabelas o número de ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente*. Subsequentemente, os dados adquiridos foram revisados e codificados, levando em consideração os fatores extralinguísticos (sexo e faixa etária) e os fatores linguísticos (sujeito explícito, tempo/modo verbal, concordância verbal), conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Chave de codificação

Variável dependente	Grupos analisados	Código
Pronomes de 1PP	A gente	A
	Nós	N
Variáveis extralinguísticas		
Sexo	Masculino	M
	Feminino	F
Idade	Faixa etária (18 a 30 anos)	1
	Faixa etária (50 a 75 anos)	2
Variáveis linguísticas	Grupos analisados	Código
Sujeito explícito	Com marcação de concordância	C
	Sem marcação de concordância	S
	Presente do indicativo	a
	Pretérito imperfeito do indicativo	b
	Pretérito perfeito do indicativo	c

Tempo e modo verbal	Pretérito mais que perfeito do indicativo	d
	Futuro do presente do indicativo	e
	Futuro do pretérito do indicativo	f
	Presente do subjuntivo	g
	Pretérito perfeito do subjuntivo	h
	Pretérito imperfeito do subjuntivo	i
	Futuro do presente do subjuntivo	j
	Pretérito mais que perfeito do subjuntivo	k

Fonte: Elaboração própria.

Após a codificação, os dados foram rodados no programa estatístico GOLDVARB X. De acordo com Berlinck e Biazolli (2018), esse programa foi elaborado por Sankoff, Tagliamont e Smith (2005), com o objetivo de ser um dos instrumentos metodológicos da Teoria da Variação, uma vez que esse *software* consegue organizar uma enorme quantidade de amostras linguísticas. Então, por meio dessa ferramenta quantitativa é possível realizar análises unidimensionais ou multidimensionais, além de tabulações cruzadas.

Destarte, tal análise investiga tanto as consequências como a relevância das variáveis independentes e sua influência no fator linguístico em análise. Diante disso, é na esfera da análise quantitativa que o programa estatístico irá auxiliar na análise da alternância pronominal entre *nós* e *a gente* falada em Macapá-AP.

Alternância pronominal entre *nós* e *a gente* em Macapá-AP

Esta pesquisa possui como variável dependente as variantes *nós* e *a gente* em posição de sujeito explícito. Para este estudo foram consideradas as variáveis extralinguísticas: sexo e faixa etária; e as variáveis linguísticas: sujeito explícito, concordância verbal (marcação ou não marcação), tempos/modos verbais. Vale destacar que não foi considerada como fator linguístico a marcação do sujeito implícito (embora alguns estudos o controlem), porque foi percebido em algumas narrativas que o falante alterna as formas *nós/a gente* no mesmo período oracional, sendo assim, ficaria difícil supor o sujeito implícito de *a gente*. Desse modo, para não comprometer a análise foi considerado somente o sujeito explícito como fator linguístico para esta pesquisa. Outro fator não considerado foi a escolaridade, em virtude de o corpus desta pesquisa não poder ser agrupado de forma igualitária em nenhum nível, impedindo, então, a análise quantitativa.

Nesse sentido, o contexto da variável dependente está marcada de acordo com os exemplos abaixo:

- (1) A única coisa que **a gente fazia** juntas eu acho que ela me levava pra escola... (AF1Cb)
- (2) **A gente** sempre **teve** muito esse negócio de momento em família, sabe?! (AF1Cc)
- (3) **Nós somos** cinco mulheres e um homem... (NF2Ca)
- (4) **Nós não tinha** boneca nossa boneca era... era osso de mocotó... (NF2Sb)

Os exemplos acima marcam o uso das formas *nós/a gente* para representar a primeira pessoa do plural. No exemplo (1), temos o uso da forma *a gente* na fala de uma informante do sexo feminino, de primeira faixa etária, com concordância verbal e no modo/tempo verbal do pretérito imperfeito do indicativo. No exemplo (2), temos o uso da forma *a gente* proferida por um falante do sexo feminino, da faixa etária 1 que realiza

a concordância verbal e utiliza o modo/tempo verbal do pretérito perfeito do indicativo. No exemplo (3), há o uso do pronome *nós* por um falante do sexo feminino, da faixa etária 2, que realiza a concordância verbal e emprega o modo/tempo verbal presente do indicativo. Por fim, no exemplo (4), há a presença do pronome *nós* dita por um falante do sexo feminino, da segunda faixa etária, sem concordância verbal, efetuada no modo/tempo pretérito imperfeito.

De acordo com os dados gerais computados por meio do programa estatístico GOLDVARB X, houve um total de 538 ocorrências do uso das representações de primeira pessoa do plural *nós/a gente* em posição de sujeito explícito, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Frequência de uso dos pronomes *nós* e *a gente*

Pronomes	%	n° de ocorr.
<i>Nós</i>	16,5%	89
<i>A gente</i>	83,5%	449
Total	100%	538

Fonte: Elaboração própria.

Dessas 538 ocorrências, 449 marcam o uso da forma pronominal *a gente* (83,5%) e 89 representam o uso do pronome *nós* (16,5%). Nossos resultados enfatizam os resultados das pesquisas citadas anteriormente: (SOUZA; BOTASSINI (2009), SILVA; CAMACHO (2017); SCHERRE, YACOVENCO, NARO (2018); CARVALHO, FREITAS, FAVACHO (2020); OLIVEIRA, SILVA (2021), assim como os nossos estudos, esses trabalhos demonstram que a forma inovadora *a gente* tem sido utilizada de maneira expressiva pelos falantes brasileiros.

Iniciaremos nossa análise considerando os fatores extralinguísticos sexo e faixa etária. Nossos dados apontam que tanto os falantes do sexo masculino quanto do sexo feminino utilizam preferencialmente a forma *a gente*, como mostra a Tabela 2.

Tabela 2 – Realizações de *nós* e *a gente* em relação ao sexo.

Pronome	Feminino		Masculino	
	%	n° de ocorr.	%	n° de ocorr.
<i>Nós</i>	8,2%	23	25,6%	66
<i>A gente</i>	91,8%	257	74,4%	192
Total	100%	280	100%	258

Fonte: Elaboração própria.

O emprego da forma *nós* realizou-se predominantemente na fala dos homens que utilizaram mais a forma *nós* com 66 ocorrências (25,6 %) do que as mulheres que a expressaram apenas 23 vezes (8,2%). Esses dados corroboram com as pesquisas de Botassini (2009) e Vitória (2015) que revelam que as mulheres produzem mais a forma *a gente* do que da forma *nós*, enquanto os homens produzem mais a forma *nós* do que as mulheres. Desse modo, o fator foi marcado conforme os exemplos abaixo:

- (5) Era assim que **nós vivia** a nossa vida... (NF2Sb)
- (6) **Nós fomos** crescendo... (NM1Cc)
- (7) **A gente tem** umas treta da vontade de dar umas porrada nela... (AF1Ca)
- (8) **A gente transforma** esse trabalho numa grande amizade eu e eles...o comerciante... (AM2Ca)

Coelho (2010) afirma que as mulheres tendem a utilizar expressivamente mais as formas linguísticas conservadoras do que os homens, isto é, variantes mais aceitas socialmente. Contudo, em nosso estudo realizado na cidade de Macapá, quando comparamos a frequência do pronome *nós* com o pronome *a gente*, observamos que as mulheres utilizam amplamente a forma inovadora *a gente*, enquanto a forma *nós* foi utilizada com menor frequência por elas, tal situação pode significar que no falar macapaense o uso da forma *a gente* tem sido utilizada como variante padrão em narrativas orais. Agora, para darmos continuidade à análise, serão expostos a utilização das formas de 1PP em relação à faixa etária de acordo com a Tabela 3:

Tabela 3 – Realizações de *nós* e *a gente* em relação à faixa etária

Pronomes	Faixa etária 1		Faixa etária 2	
	%	nº de ocorr.	%	nº de ocorr.
<i>Nós</i>	11,0%	38	26,4%	51
<i>A gente</i>	89%	307	73,6%	142
Total	100%	345	100%	193

Fonte: Elaboração própria.

Sobre a variável faixa etária, a Tabela 3 mostra que há um uso preferencial da forma *a gente* pelos falantes de ambas as faixas etárias, isto é, a faixa etária 1 produziu 307 ocorrências (89%) de *a gente* enquanto a faixa etária 2 a produziu 142 (73,6%) de *a gente*. O pronome *nós* foi utilizado em menor frequência quando comparado ao uso da forma pronominal *a gente*, a faixa etária 1 produziu 38 (11,0%) das sentenças e a faixa etária 2 efetuou 51(26,4%) dos enunciados. Neste viés, quanto ao uso do pronome *nós* e *a gente* é necessário destacar que os falantes que favorecem a produção do pronome *nós* são aqueles que possuem mais de 40 anos (26,4%) e apesar da forma *a gente* ser preterida pelas duas faixas etárias ela possuiu maior frequência de enunciação por aqueles que possuem entre 18- 30 anos (89%).

Vejamos alguns exemplos abaixo:

- (9) **Nós fazia** trave na beira da rua e brincava muito negócio de futebol... (NM1Sb)
- (10) Na minha família de sangue **nós somos** sete, seis homens e uma mulher... (NM2Ca)
- (11) **A gente tá** deixando pra lá... de lado mais as brigas e se apoiando mais... (AM1Ca)
- (12) **A gente atravessava** uma pista pra ir lavar roupa no Igarapé do outro lado que se chamava tipo assim Caçimba... (AF2Cb)

Nesse contexto, a partir dos resultados expostos, é interessante falar sobre mudança linguística, dessa maneira, a partir dos conceitos sociolinguísticos, tem-se que as línguas se transformam de maneira gradual por meio de condicionadores linguísticos e sociais, essas mudanças podem ser investigadas através da análise em tempo aparente(sincrônica) e da análise em tempo real (diacrônica). De tal forma este estudo realiza uma análise em tempo aparente, isto é, através de indivíduos de faixa etárias distintas, dessa maneira, através desta análise, é possível deduzir que, em Macapá, o uso mais amplo da pronominal *a gente* nas duas gerações, mas com a conservação do *nós* pelos falantes mais velhos pode indicar uma mudança em progresso. Conforme Coelho

(2010), chamamos de mudança em progresso (ou em curso) aquela que ainda não foi concretizada, como foi visto ao comparar as duas gerações a forma *nós* ainda permanece no falar de ambas as gerações, contudo possui certo enfraquecimento de uso na fala dos mais jovens. Por fim, a seguir, será iniciada a apresentação dos resultados dos fatores linguísticos, primeiramente há a análise da presença/ausência da marcação de concordância segundo a Tabela 4:

Tabela 4 – Realizações de *nós* e *a gente* em relação à concordância

Pronomes	Com marcações de concordância		Sem marcações de concordância	
	%	Nº de ocorr.	%	Nº de ocorr.
<i>Nós</i>	11,2%	56	91,7%	33
<i>A gente</i>	88,8%	446	8,3%	3
Total	100%	502	100%	36

Fonte: Elaboração própria.

A análise desse fator foi desenvolvida com base no que a gramática tradicional prescreve para a utilização da concordância. Nesse sentido, conforme Duarte (2009), há marcação de concordância quando o verbo é flexionado em pessoa e número com o sujeito da oração, para mais, quando os pronomes, numerais, artigos e adjetivos flexionam em gênero e número com o substantivo. Diante disso, ocorre a marcação de concordância com o pronome *nós* quando o verbo está marcado na primeira pessoa do plural, ou seja, apresenta desinência -mos. De tal maneira, de acordo com Bechara (2019), a concordância verbal com a expressão *a gente* deve ser empregada na terceira pessoa do singular. Logo, classificamos como “marcação de concordância” quando o verbo encontra-se variado de acordo ao que pede a norma padrão, em contrapartida, se a conjugação verbal estiver fora do padrão proposto pela gramática tradicional, consideramos “sem marcação de concordância”. A seguir, os exemplos (13) e (14) demonstram a marcação de concordância e os (15) e (16) exemplificam as sentenças sem marcação de concordância:

(13) **Nós** não **tínhamos** tanto acesso as questões tecnológicas então era...o dia inteiro na rua mesmo... (NM2Cb).

(14) Assim **a gente vai** crescendo como pessoas, como amigos, né?... (AM1Ca).

(15) **A gente somos** primos mais velhos... (AF1Sa).

(16) **Nós fazia** trave na beira da rua e brincava muito negócio de futebol... (NM1Sb).

Logo, procurou-se verificar como ocorre a concordância com cada variante pronominal. Através dos resultados obtidos, é possível apontar que a forma pronominal *a gente* realiza a concordância verbal predominantemente com a 3ª pessoa do singular, já que 446 (88,8%) dos resultados ocorreram com a marcação de concordância de acordo com o padrão dessa forma gramaticalizada. Contudo, quanto ao uso do pronome *nós* é visto que apenas 56 (11,2%) das ocorrências realizaram a marcação de concordância. Esses resultados apontam que há uma expressividade maior de marcação de concordância com a forma *a gente*. No que concerne ao uso das formas sem marcação de concordância foi visto que houve apenas 3 (8,3%) das amostras de uso da forma pronominal *a gente* sem marcação de concordância. Entretanto, o pronome *nós* foi utilizado significativamente sem marcação de concordância, com 33 (91,7%) das ocorrências dos

dados. Ou seja, nesse contexto, o pronome *nós* foi mais utilizado fora do padrão proposto pela gramática tradicional do que a forma *a gente*. Assim, esses resultados reforçam as pesquisas de Rubio (2011) e Mattos (2013), ambas as pesquisas revelam que há uso maior da não concordância padrão com o pronome *nós* do que com a forma gramaticalizada *a gente*. Na pesquisa de Rubio (2011), 20, 5% do uso do *nós* ocorreu em concordância com a terceira pessoa do singular, enquanto o *a gente* apresentou menor variação, somente 5, 8% do uso de *a gente* ocorreu em concordância com a primeira pessoa do plural. Resultados parecidos ocorreram na pesquisa de Mattos (2013) no que tange aos pronomes expressos, 23% do uso de *nós* ocorreu com a 3º do singular, isto é, concordância não-padrão, enquanto em referência ao uso do *a gente* a não concordância também foi menor 11% das amostras ocorreram com a primeira pessoa do plural. Logo, percebe-se que o que está ocorrendo na fala macapaense não difere tanto da utilização existente nas outras regiões brasileiras. A partir desse momento, para finalizar a exposição dos resultados e análises dos fatores linguísticos, será apresentado continuamente as resultâncias da influência do condicionador tempos verbais na alternância pronominal de 1PP, conforme Tabela 5:

Tabela 5 – Realizações de *nós* e *a gente* em relação aos tempos verbais

Tempos verbais	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>
Presente do indicativo (a)	21,6% (49)	78,4% (178)
Pretérito imperfeito do indicativo (b)	17,6% (33)	82,4% (154)
Pretérito perfeito do indicativo (c)	4,6% (5)	95,4% (104)

Fonte: Elaboração própria.

O fator linguístico tempos verbais não foi considerado relevante pelo programa estatístico GOLDVARB X, entretanto como essa pesquisa possui caráter inédito e busca mostrar como está ocorrendo o uso dessas formas no falar macapaense torna-se necessário mostrar os resultados adquiridos. Diante disso, quando os dados foram rodados pela primeira vez, foram considerados os seguintes tempos verbais: presente, pretérito e futuro no modo indicativo e no modo subjuntivo, visto que, apareceram em incidências diferentes nas amostras de falas. Todavia, ao rodar os dados, foi visto que apenas os tempos verbais: presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito do indicativo foram relevantes. Tendo em vista que os outros tempos verbais geraram “nocautes”, isto é, a frequência desses dados equivale entre 0% e/ou 100%, e isso não é interessante para a análise, assim, para considerar esse fator linguístico foram eliminados os tempos verbais que apresentaram “nocautes” e foram considerados apenas os tempos verbais: presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito do indicativo.

Desse modo, os dados reduziram para um total de 523 ocorrências sendo 436 (83,4%) de *a gente* e 87 (16, 6%) de *nós*. Nesse contexto, ao analisar os dados, é interessante atentar para o fato de que a forma *a gente* foi favorecida por todos os tempos verbais expostos: no presente do indicativo, o *a gente* possui 178 (78, 4%) das realizações, no pretérito imperfeito, possui 154 (82,4%) e no pretérito perfeito, possui 104 (95, 4%). É interessante visualizar que houve uma discrepância maior entre as formas *nós* e *a gente* no tempo pretérito perfeito do indicativo no qual o *nós* apresentou 5 (4,6%) das amostras. Contudo, ambas as formas apresentaram favorecimento mais elevado no presente do indicativo com *a gente* 178 (78,4%) e *nós* 49 (21,6%) das amostras de dados. Esses resultados possuem um encontro parcial com o de outras pesquisas (Franceschini, 2015; Silva, 2019). No trabalho de Franceschini (2015), a forma pronominal *a gente* é favorecida pelo presente, pelo infinitivo e pretérito imperfeito do indicativo, enquanto o pretérito perfeito desfavorece essa forma, mas favorece o pronome *nós*. Enquanto no

trabalho de Silva (2019), o autor, ao analisar as variedades dos pronomes de 1PP em comunidades que falam o português brasileiro e em comunidades que falam o português europeu, verificou que, no falar brasileiro, o presente do indicativo também é o tempo verbal que mais favorece ambas as formas nas comunidades investigadas: Paraguaçu (*nós* com 75% e *a gente* com 66%) e Vitória da Conquista (*nós* com 53% e *a gente* com 77%), esses resultados corroboram com os dados encontrados nesta pesquisa.

Considerações finais

Em um panorama geral, os estudos sociolinguísticos, que tratam sobre a variação dos pronomes *nós* e *a gente*, têm demonstrado que os fatores sociais como sexo, faixa etária e escolaridade possuem influência sobre a alternância entre tais variantes. No que diz respeito aos fatores linguísticos, os estudos têm demonstrado relevante vincular a esse fenômeno os fatores: concordância verbal, tipo de sujeito, tempo/modo verbal e grau de determinação do sujeito, pois eles têm condicionado o uso dos pronomes de 1PP. Quanto à frequência geral do uso dos pronomes, a expressão *a gente* tem sido utilizada com mais ênfase pelos brasileiros do que o pronome *nós*.

Observando essa tendência de uso dos pronomes de 1PP no PB, o objetivo desta pesquisa foi analisar como ocorre o uso da alternância pronominal *nós* e *a gente* em posição de sujeito explícito e verificar qual variante está sendo mais utilizada no falar macapaense. Assim, objetivamos verificar se os fatores sociais (como sexo e faixa etária) e linguísticos (sujeito explícito, concordância e tempo verbal) condicionam ou não esse uso.

Através dos resultados apresentados neste trabalho, é possível mostrar que a forma pronominal *a gente* tem sido utilizada com maior frequência do que a forma *nós*, porém essas variantes ainda possuem relação de alternância e competição no que diz respeito ao ambiente/contexto de uso da língua.

Em relação aos fatores sexo e faixa etária, foi possível visualizar, através deste trabalho, que ambos possuem relevância. O fator sexo mostrou que homens e mulheres falaram mais a forma *a gente* do que a forma *nós*, porém os falantes do sexo masculino utilizam mais a forma *nós* do que as mulheres. No que diz respeito à faixa etária, é interessante destacar que ambas as gerações estão utilizando mais a expressão pronominal *a gente* do que o pronome *nós*.

No que concerne às variáveis linguísticas da análise da concordância, esta pesquisa evidencia que os falantes macapaenses realizaram mais a marcação de concordância com o *a gente* do que com o *nós*, por fim, no que diz respeito aos tempos verbais, foi constatado que ambas as formas pronominais ocorreram com alta frequência no presente do indicativo.

Por fim, este artigo traz os resultados de um trabalho desenvolvido por meio de um projeto de pesquisa aprovado pelo Programa de Iniciação Científica, da Universidade do Estado do Amapá (PROBICT), no ano de 2022-2023. Esta pesquisa buscou contribuir com os estudos sociolinguísticos da Região Norte do Brasil, sobretudo do estado do Amapá, que ainda carece de pesquisas que mostrem o perfil sociolinguístico do falar macapaense. Vale destacar que este estudo teve algumas limitações como amostras abaixo do esperado para análise sociolinguística, além do baixo controle de fatores linguísticos e extralinguísticos para análise quantitativa. Em um estudo posterior, pretendemos ampliar o *corpus* da pesquisa e levar em consideração novos fatores sociais e linguísticos como o grau de escolaridade, o espaço geográfico, saliência fônica, paralelismo oracional e o nível de determinação do sujeito.

Referências

- BECHARA, E. **Moderna gramática do português**. 39. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BERLINCK, R.; BIAZOLLI, C. Ferramentas metodológicas para análises (sócio)linguísticas. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 260-273, 2018.
- COELHO, I; GÖRSKI, E; MAY, G; SOUZA, C. Sociolinguística. **Anais do SILEL**, 2010.
- CARVALHO, H; FREITAS, M; FAVACHO, L. A variação dos pronomes sujeitos nós e a gente: A fala culta de Fortaleza em cena. **Revista (con)textos linguísticos**, 2020.
- CAMPOS, M. **Macapá**. Mundo educação, 2021.
- DIÁRIO. **Museu Sacaca: cultura do povo da floresta**. Diário, 2015. Disponível em: <https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/nota-10/museu-sacaca-cultura-do-povo-da-floresta/>. Acesso em: 28 jul. 2023.
- DUARTE, M. **Minigramática Escolar da Língua Portuguesa**. Blumenau-SC: Todolivro Editora, 2009. ISBN 978-85-7389-415-8.
- FRANCESCHINI, L. Variação pronominal nós/a gente em concórdia - SC: o papel dos fatores linguísticos e sociais. **Revista (Con)textos Linguísticos**, UFES, p. 176 - 197, 14 maio 2019.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LABOV, W. The social motivation of a sound change. In: LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1963.
- LIMA, A. **Conheça a história do Mercado Central de Macapá, que completa 69 anos de fundação nesta terça-feira (13)**. Prefeitura de Macapá, 2022. Disponível em: <https://macapa.ap.gov.br/conheca-a-historia-do-mercado-central-de-macapa-que-completa-69-anos-de-fundacao-nesta-terca-feira-13/>. Acesso em: 28 jul. 2023.
- LOPES, C. R. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). **Ensino de Gramática: descrição e uso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- LIMA, C. **262 anos de fundação de Macapá: cidade joia da Amazônia**. Prefeitura municipal de Macapá, 2020. Disponível em: <https://macapa.ap.gov.br/262-anos-de-fundacao-de-macapa-cidade-joia-da-amazonia/#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20do%20nome%20Macap%C3%A1,ligadas%20ao%20estado%20do%20Par%C3%A1>. Acesso em: 22 ago. 2023.
- LOPES, C. A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum Linguístico**, Rio de Janeiro, p. 1 - 34, 17 out. 2018.

MATTOS, S. **Goiás na Primeira pessoa do plural**. 2013. 136 p. Tese (Doutora em Linguística). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2013.

MORAIS, P; ROSÁRIO, I. **Amapá: de Capitania a território**. 2. ed. rev. [S. l.]: JM gráfica, 2009. 121 p.

OLIVEIRA, A. SILVA, E. A variação dos pronomes nós e a gente, em função de sujeito no português belenense. *In*: SOUZA, Elisa; CAMELO, Marco. **Saberes educacionais em seus múltiplos contextos**. Data MPE Brasil: EDUEPA, 2021. cap. X, p. 142-158. ISBN 978-65-88106-28-0.

RUBIO, C. F. “Nós” versus “a gente” no português falado no noroeste paulista. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 1029-1044, 2011.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SILVA, M. R. da; CAMACHO, R. G. Os pronomes "nós" e "a gente" no português falado em Rio Branco. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 311-321, 2017.

SILVA, J. M. DE J.; NAMIUTI, C. ‘Nós’ e ‘a gente’: diferenças de uso nas variedades de português. **Acta Scientiarum**. Language and Culture, v. 41, n. 1, p. e43588, maio, 2019.

SCHERRE, M; YACOVENCO, L; NARO, A. Nós e a gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias. USC, 9 fev. 2018.

SOUZA, A; BOTASSINI, J. A variação no uso dos pronomes nós e a gente. **Anais do SILEL**, 2009.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

VITÓRIO, E. A variação nós e a gente na posição de sujeito na fala de crianças da cidade de Maceió/Al. **(Con)Textos Linguísticos**, UFES, p.126-141, maio, 2019.

Recebido em 13 de julho de 2023.

Aprovado em 07 de agosto de 2023.